

Demanda por Armas de Fogo no Rio de Janeiro

BENJAMIN LESSING

Resumo

Tal como se observa em outras partes do mundo, a demanda por armas de fogo no Rio de Janeiro varia entre os diferentes setores da população, refletindo diferentes condições de vida, percepções sobre a segurança e tipos de ameaças enfrentadas. Este estudo considera primeiro o caso da classe média carioca, que constitui a grande maioria dos 1.187 respondentes a um questionário para participantes de uma campanha de entrega voluntária de armas. Dentro desse grupo, preferências por armas de fogo parecem ser em grande parte uma reação à percepção de uma ameaça de crime de propriedade, junto com policiamento ineficaz e outras falhas em serviços públicos. Isso em contraste com os moradores de favelas, onde a maioria da violência armada ocorre em virtude da presença de facções criminosas armadas, criando um pano de fundo de ameaças, incentivos e restrições totalmente diferentes. Nesse contexto, espera-se que a demanda por armas de fogo seja mais relacionada a uma preferência profunda por *status*, autoridade e renda associada a ser membro de uma facção, o que é muitas vezes publicamente sinalizado pelo porte ostensivo de uma arma. Finalmente, este estudo considera a dinâmica de demanda por armas de fogo nas próprias facções. Nesse caso, posse e, portanto, demanda se configuram como coletivas, motivadas por uma estratégia mista que inclui consolidação de controle sobre comunidades, dissuasão e defesa contra invasão e a expansão territorial. Concluímos com estratégias possíveis para a redução da demanda.

Introdução e Fontes

O Brasil é um país enorme, de grande diversidade regional e geográfica e divisões socioeconômicas fortes, marcadas por diferenças importantes no acesso à Justiça, tratamento pela polícia e proteção de direitos básicos. Em termos de demanda por armas de fogo, é mais interessante examinar setores geográficos e socioeconômicos do que generalizar sobre o país. Nesse estudo, enfocamos dois

setores com que o Viva Rio tem tido muito contato ao longo dos anos: a classe média carioca e a população das favelas.

Fontes Primárias:

- Estudo do Viva Rio (questionário) de 1.187 participantes na campanha de entrega voluntária de armas
- Entrevistas semi-estruturadas com moradores de favelas, ex-traficantes e traficantes¹
- Pesquisa de Vitimização Ilanud 2002, (Unicri-ICVS questionário)

Fontes Secundárias:

- Indicadores de Desigualdade do IETS (PNAD/IBGE)
- Dados do Banco Mundial
- Dados da Polícia Civil do RJ
- Outras fontes empíricas
- Estudos acadêmicos sobre tráfico de drogas e ação policial nas favelas do Rio de Janeiro

Demanda por Armas de Fogo na Classe Média Carioca

Introdução

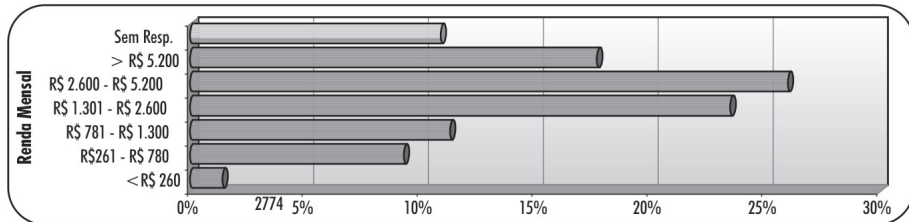
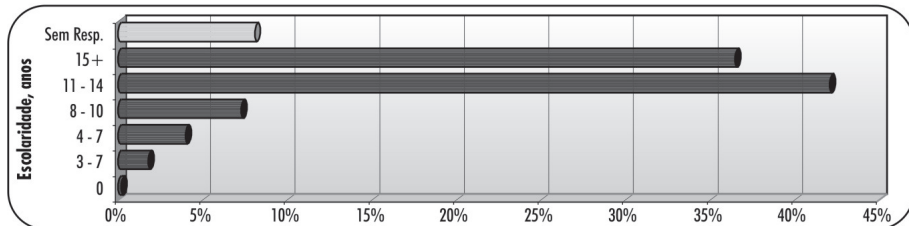
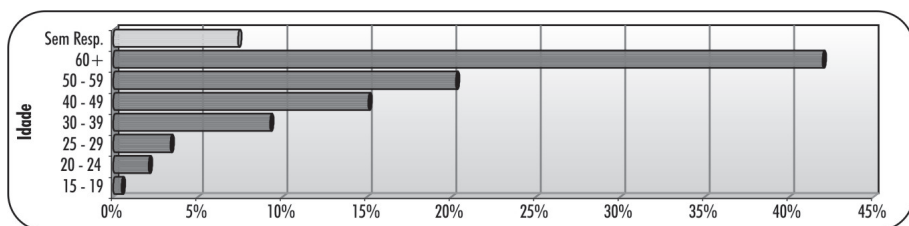
Este setor é importante por pelo menos duas razões: a classe média tem um lugar importante no imaginário brasileiro, assim como na propaganda do *lobby* pró-armas: o cidadão de bem que não pode depender da polícia para proteger a sua família contra uma onda crescente de criminalidade.

Segundo, a classe média é desproporcionalmente representada dentro dos participantes da campanha de entrega voluntária de armas recém-instituído pelo estatuto de desarmamento e atualmente em processo no país inteiro. De alguma forma, a entrega de uma arma pode ser vista como ‘demanda negativa’ por armas

¹ Além das entrevistas feitas para este estudo, também tivemos acesso às entrevistas originais feitas por Dowdney et al. para o livro *Crianças do tráfico*, Rio de Janeiro: Iser/Viva Rio/Sete Letras, 2003.

de fogo, e, de fato, o sucesso inesperado da campanha de entrega indica que existia uma demanda latente pela oportunidade de se desfazer das armas.

Uma pesquisa corrente dos que entregaram suas armas nos postos do Viva Rio nos permite um olhar sobre vários aspectos da demanda por armas de fogo, e possíveis motivadores dessa demanda. Até outubro, 1.187 indivíduos, cada um dos quais tinha entregado pelo menos uma arma, preencheram o questionário. (Média aproximada de armas por participante: 1,7.) Embora a campanha não tenha se limitado nem sido exclusivamente direcionada para esse setor, os resultados do questionário demonstram que a grande maioria dos participantes são adultos bem formados da classe média, mais de 40% dos quais se encontram na terceira idade.



Antes de considerar os resultados da pesquisa, apresentamos um breve panorama de fatores culturais, políticos e materiais que influenciam a demanda por armas de fogo na classe média carioca.

Fatores Culturais

O Brasil tem uma identidade nacional fortemente assimilativa, com poucos problemas de etnia / autonomia, além de uma população indígena geralmente pacífica. Levantes armados por motivos políticos são raros. Não tem uma tradição de posse de armas como expressão cultural / patriótica comparável, por exemplo, à dos EUA. Há, no entanto, uma associação entre as idéias de honra, masculinidade / virilidade, defesa da casa e da família, *status* (particularmente como figura de autoridade) e o fato de estar armado. Esses valores culturais são repetidamente enfatizados pelo *lobby* das armas. Por outro lado, as campanhas de desarmamento têm freqüentemente tentado questionar ou até inverter esses valores, sugerindo, por exemplo, que “homem que é homem não precisa de arma”. A popularidade de campanhas de desarmamento em que mulheres apelam a seus maridos ou filhos que se desarmem é mais uma indicação de quanto as armas de fogo são associadas à masculinidade no Brasil.²

No nível institucional, dados da Pesquisa sobre Vitimização do Ilanud (baseada no questionário) nos fornecem uma idéia da condição dos serviços públicos:

Serviços no bairro (% respondeu 'bom' ou melhor)	Todos os Respondentes n=2.800	Renda Mensal			
		< R\$400	R\$401-800	R\$801-1.600	>R\$1.600
Fornecimento de água	78%	68	78	80	84
Abastecimento	67%	58	64	73	75
Iluminação	58%	58	60	58	55
Transporte coletivo	57%	56	53	60	60
Serviço de limpeza	52%	51	55	51	52
Rede de esgoto	51%	42	52	55	55
Conservação das ruas	34%	37	35	34	32
Atendimento médico	25%	23	21	28	29
Diversão e lazer	22%	19	19	24	30
Policimento	21%	20	22	20	22

Na maioria dos casos, a aprovação cresce na medida em que cresce a renda, sugerindo que os mais ricos têm mais acesso aos serviços públicos. Uma exceção chave é a polícia, que tem aprovação baixa em todos os segmentos.

² As campanhas do Viva Rio “Mãe, desarme seu filho” e a insinuante “Arma não: ela ou eu!” são bons exemplos disso.

Fatores Políticos

Apesar de existir no Brasil, e no Rio de Janeiro em particular, um tipo de ‘violência política’, na forma de assassinato de políticos ou líderes, ela é normalmente baseada em rivalidades pessoais e lutas de poder entre indivíduos, famílias ou grupos, e não em brigas sobre opiniões políticas. O que está em jogo é quase sempre espólio material, e não ideológico.

Na classe média, depois da ditadura militar, a anistia dos exilados e o retorno à democracia existem um espírito de tolerância por opiniões políticas diferentes, um compromisso com o pluralismo e um ceticismo generalizado em relação à política eleitoral. Afiliações partidárias são fracas ou inexistentes.

No nível institucional, de novo vemos uma insatisfação com o policiamento:

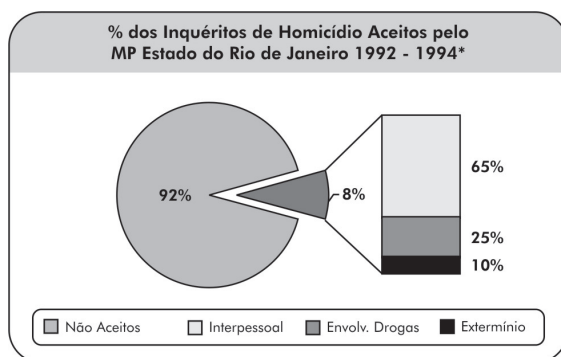
A polícia não faz um bom trabalho para controlar o crime na região, %								
Brasil Média	Rio	São Paulo	Recife	Vitória	Panamá	Argentina	Portugal	Méd. de Países Desenv.*
61	65	59	58	51	51,9	51,6	47	22

Fonte: Ilanud 2002

*Austrália, Bélgica, Canadá, Espanha, Dinamarca, Inglaterra e País de Gales, Finlândia, França, Japão, Holanda, Irlanda do Norte, Polônia, Escócia, Suécia, Suíça, EUA.

Interessante notar que o Rio de Janeiro tem menor aprovação do que as outras cidades brasileiras estudadas, apesar de todas terem taxas de homicídio mais altas que o Rio.³

Da mesma forma, policiamento investigativo e a Justiça no Rio se revelaram, na pesquisa de Luiz Eduardo Soares (1996), extremamente ineficientes:



³ Dados de DATASUS, cit. em “The Impact of Firearm Injuries and Death”, Phebo, Luciana, in *Brazil: The SALW Factor*, Fernandes, R. coord., Iser/Viva Rio, Março, 2005.

Como aponta Soares, dentro dos meros 8% dos homicídios cujo inquérito continha informação suficiente para o Ministério Público abrir um processo judicial, a grande maioria foi cometida por parentes ou conhecidos das vítimas. Este tipo de crime é o mais fácil de investigar, e, Soares argumenta, o menos severo do ponto de vista de segurança pública, enquanto “os crimes efetivamente graves, isto é, associados a carreiras criminosas... praticamente não são apurados.”⁴

Fatores Materiais

Resultados da Pesquisa de Vitimização Ilanud sugerem que a própria riqueza é um fator de risco:

Vitimização em 5 anos, %	% por Renda Mensal			
	< R\$400	R\$401-800	R\$801-1.600	>R\$1.600
Roubo/furto de moto*	18	24	21	25
Depredação em automóvel*	13	19	27	24
Roubo/furto de automóveis*	17	16	15	19
Roubo	13	16	16	28
Furto	10	12	11	13
Agressão física	7	8	5	10
Agressão sexual	4	5	4	4
Média	12	13	14	16
Prevalência últimos 5 anos	39	49	51	64

Na medida em que a renda aumenta, a probabilidade de sofrer um crime contra o patrimônio também cresce. Interessante notar que o mesmo efeito não existe nos crimes de agressão física e sexual.

Outro fator material chave é a desigualdade de renda e patrimônio. O Brasil tem uma das mais altas taxas de desigualdade (medida pelo índice Gini) do mundo:

⁴ Soares, Luiz Eduardo, *Violência e política no Rio de Janeiro*, Iser, Rio de Janeiro: 1996, p.239.

Países com maior desigualdade	Índice de Gini	20% mais pobres	20% mais ricos
1. Serra Leoa	62.9	1.1	63.4
2. República Centro-Africana	61.3	2	65
3. Suazilândia	60.9	2.7	64.4
4. Brasil	60.7	2.2	64.1
Brasil Metrop. (média).*	59	2.5	62.9
Rio de Janeiro*	57	2.9	62
5. Nicarágua	60.3	2.3	63.6
6. África do Sul	59.3	2.9	64.8
7. Paraguai	57.7	1.9	60.7
8. Colômbia	57.1	3	60.9
9. Chile	56.7	3.3	61
10. Honduras	56.3	2.2	59.4

Fonte: *World Development Bank Index, 2002.*

*Fonte: Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD/IBGE)

O índice do Rio é um pouco menor do que as médias metropolitana e nacional. No entanto, no Rio, a proximidade entre rico e pobre pode até exacerbar os efeitos da desigualdade.

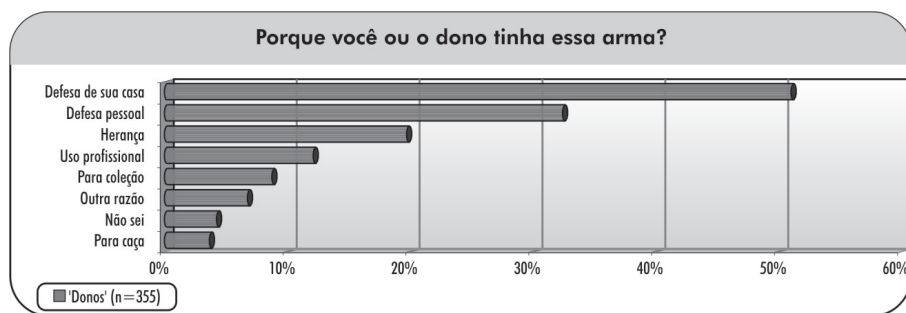
Resultados da Pesquisa Viva Rio

Temos visto que muitos dos fatores comuns que estimulam a demanda por armas de fogo são fracos ou ausentes no contexto da classe média carioca: agitação política, a presença de grupos militantes, o atrativo de crime armado como fonte de renda alternativa etc. Fatores de demanda dentro desse setor costumam ser políticos ou materiais, concentrados nos níveis institucional e estrutural: o desejo por *status* e a falta de policiamento eficaz num pano de fundo de desigualdade extrema.

Ou seja, é de se esperar que a demanda por armas na classe média derive de uma preferência profunda⁵ por *status* e segurança, e sua escassez, i.e. preço relativamente alto.

⁵ “Preferências profundas”, ou *deep preferences*, indicam os objetivos motivantes e fundamentais, enquanto “preferências derivadas” indicam a maneira específica como satisfazemos esses objetivos neste momento. Por exemplo, temos uma preferência profunda para roupa leve no verão, mas num ano se pode preferir algodão e, noutro, o linho pode estar na moda. Veja: Brauer, J. “Keynote lecture for Workshop for Small Arms Survey and Quaker UN. Office”, March 12, 2004. <http://www.aug.edu/~sbajmb/paper-Geneva.pdf>.

Tal conclusão se confirma nos resultados da nossa pesquisa sobre a campanha de entrega voluntária de armas. Vemos nas respostas à pergunta “Por que você tinha essa arma?”, entre os respondentes que indicaram que a arma era deles (os “donos”, um terço do total), que 67,6% optaram por pelo menos uma das respostas relacionadas à segurança⁶:



Nesse setor, defesa pessoal, da família e do patrimônio parecem ser a preferência profunda que incentiva a demanda por armas de fogo.

Motivadores de Demanda

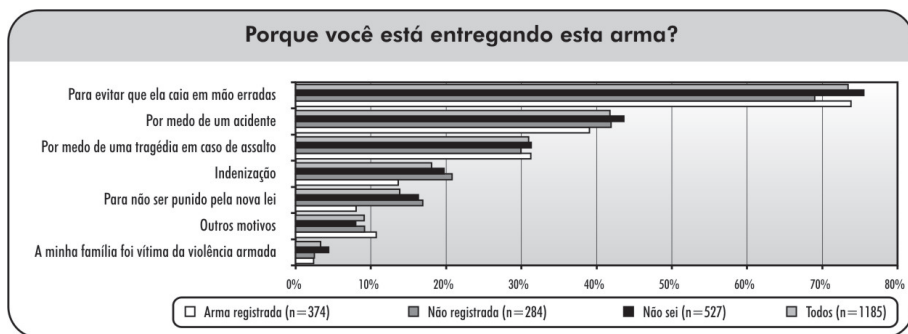
Se considerarmos a entrega voluntária de uma arma uma expressão de demanda negativa, podemos então perguntar o que desencadeou a mudança de demanda positiva (na hora da compra) para negativa (na entrega). Muitos dos artigos do Estatuto de Desarmamento, assim como a campanha pública de desarmamento, visam elevar os preços relativos de ser armado:

- Aumentos no custo de registro e renovação, tanto monetário como em termos de tempo: o Estatuto exige avaliação psicológica e teste de manuseio.
- Penas mais severas para posse de arma não registrada: isto aumentou seriamente o preço relativo de ter uma arma não registrada; ou opta-se por registrá-la, com todos os custos mencionados acima, ou arrisca-se a cometer um crime sério.
- Informação sobre o perigo de ter uma arma em casa. A chance de haver um acidente e a probabilidade maior de levar um tiro no caso de um confronto

⁶ Os respondentes podiam escolher até três respostas, pois as porcentagens não somam a 100%, nem podem ser somadas as porcentagens que aparecem no gráfico, visto que um respondente podia ter escolhido mais de uma opção.

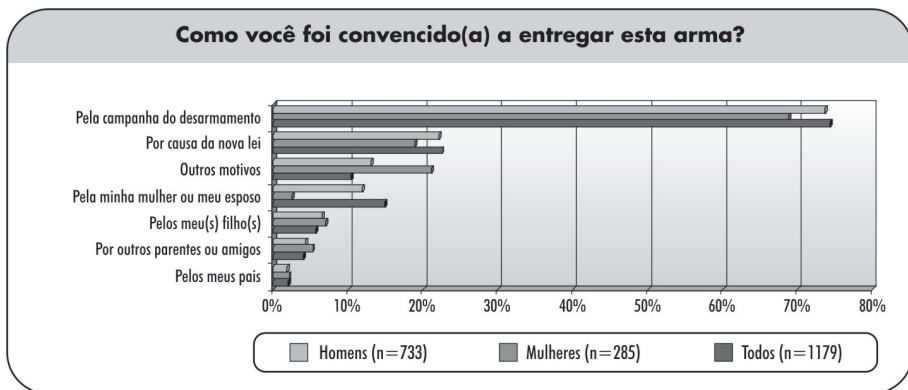
com assaltante ou invasor são freqüentemente ignorados por compradores potenciais na hora de adquirir uma arma para a casa. Campanhas públicas que divulgam dados sobre esses riscos efetivamente elevam o preço relativo percebido de armas.

Qual é a importância desses fatores?



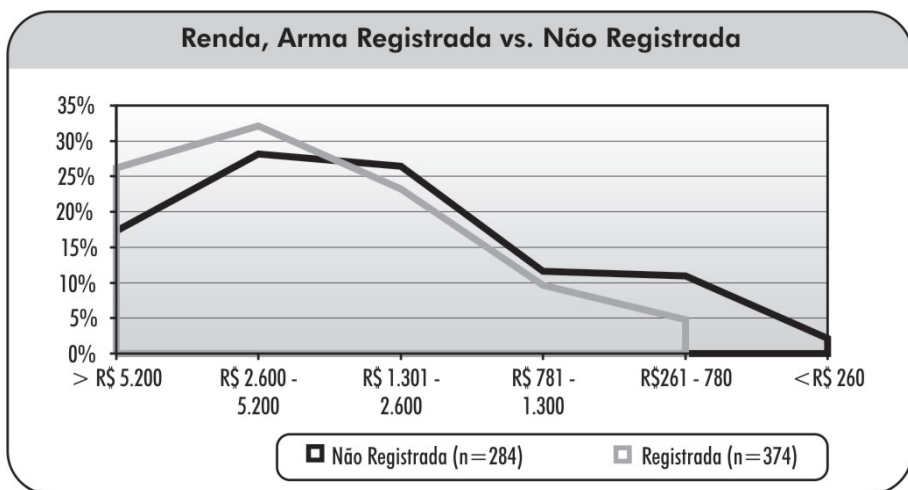
As respostas acima apresentadas estão cruzadas com a resposta dada à pergunta “A sua arma possui registro?” Medo das medidas da nova lei não parece ser um fator importante para grupo algum, apesar de, no caso de armas não registradas, essa resposta ter uma freqüência duas vezes maior do que no caso de armas registradas. Uma explicação seria que as pessoas consideram pouco provável ser pego, uma possibilidade confirmada pela percepção de policiamento insuficiente mencionada anteriormente. A indenização de R\$100-300 também não foi importante para a maioria dos respondentes, indicando que a demanda por desarmamento é forte, não fraca.

Todas as primeiras três respostas podem ser consideradas ‘custos escondidos’ de posse de armas de fogo, custos que campanhas públicas têm tentado trazer à atenção do público. Isso sugere que campanhas públicas (algumas das quais existem há anos) estão, sim, elevando o preço percebido de posse de armas, conclusão fortalecida pelos dados da figura seguinte:



Obviamente, ‘Campanha de desarmamento’ domina as respostas entre ambos os sexos. (É interessante notar como tão poucas mulheres indicam ter sido convencidas por seus maridos.)

Finalmente, notamos um resultado pouco surpreendente: quem possui arma registrada tende a ter uma renda mais alta do que quem possui arma não registrada:



Isso sugere que, pelo menos antes das reformas introduzidas pelo Estatuto de Desarmamento, o preço relativo do registro era menor que o preço percebido de possuir uma arma não registrada para pessoas com uma renda de classe média para cima. Entre os mais pobres (R\$ < 260) e a classe operária (R\$ 261-780), o custo monetário do registro era mais significativo que os riscos da posse ilegal. As novas penas estabelecidas pelo Estatuto podem mudar este cálculo.

Demanda por Armas de Fogo na Favela

Introdução

A favela é o local de conflitos violentos faccionários no Rio de Janeiro. Uma grande proporção da violência armada da cidade está circunscrita à área das favelas, enquanto alguns bairros classe-média gozam de níveis de segurança comparáveis com cidades do primeiro mundo. Isso nos indica tanto a necessidade de entender a demanda por armas de fogo no contexto da favela como a sua diferença inerente da demanda em outros contextos.

Dois advertências:

1. Dados empíricos sobre a realidade da favela – particularmente os elementos relacionados ao tráfico, armas de fogo e violência – são muito difíceis de obter. Este estudo apresenta um modelo de demanda baseada num número limitado de entrevistas semi-estruturadas, estatísticas quantitativas disponíveis e resultados de estudos anteriores. O propósito não é capturar definitivamente a realidade empírica da favela, mas construir uma base conceitual para pensar sobre a demanda que está em acordo com a realidade revelada por pesquisas correntes. Essa base deve indicar direções para pesquisas futuras e ser adaptável às novas realidades reveladas por essas pesquisas.
2. Cada favela é uma comunidade única, com suas particularidades, fato que dificulta a generalização e a construção de modelos. Em particular, o grau em que uma comunidade é dominada pelo tráfico varia. O modelo apresentado aqui se refere a comunidades que são fortemente dominadas pela facção local e onde essa facção exerce controle efetivo sobre os trabalhadores e moradores não envolvidos em crime enquanto circulam dentro da comunidade, impondo uma ordem local, decidindo disputas, ouvindo casos e aplicando castigos.

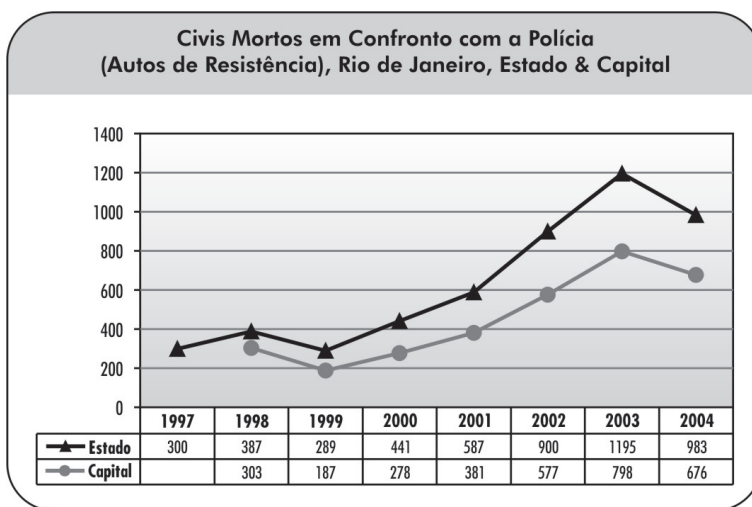
Aplicando nosso Modelo à Favela

Obviamente, alguns dos itens mencionados na seção anterior se aplicam diretamente a uma análise das favelas, como serviços públicos, pobreza e desigualdade. Outros fatores são mitigados, particularmente os que são relacionados à segurança em termos de crime contra o patrimônio. Devido à ordem social imposta pelas facções, o nível de segurança deste tipo é muitas vezes alto. Além disso, as

favelas costumam ser comunidades fortes, com muitos dos laços interpessoais tradicionais de ajuda mútua que não se encontram mais nas áreas urbanas de classe-média.

Ainda há outros fatores que estão exacerbados dentro da favela. Em particular, parece que os problemas com policiamento são mais agudos na favela. Segundo Cano (1997), entre 1993 e 1996, a polícia matou 16% mais civis nas favelas do que no resto da cidade, apesar de a população das favelas constituir somente um sexto da população geral.⁷ Cano também mostrou que o índice de letalidade (razão entre o número de civis mortos por ação policial e civis feridos por ação policial) das operações dentro de favelas é mais que duas vezes mais alto do que nas operações fora de favelas, indicando uma clara “intenção de matar” nas ações dentro de favelas.

Não existem análises georeferenciadas atualizadas nos últimos anos, mas a tendência geral de violência policial é preocupante: desde o estudo de Cano até 2003, mortes de civis por ação policial havia quadruplicado, de um ponto de partida já altíssimo⁸:



Embora 2004 tenha mostrado uma melhora marcante sobre o ano anterior, a taxa de morte de civis por ação policial ainda estava na faixa de 11,2 por 100.000

⁷ Cano, I. “Letalidade de Ação Policial no Rio de Janeiro”, Iser, Rio de Janeiro: 1997.

⁸ Em 1997 a polícia do Estado do Rio matou 300 civis; nesse mesmo ano, todas as forças policiais dos EUA mataram 361 civis.

habitantes⁹; em comparação, a taxa de homicídio *total* de Nova York em 2004 estava na faixa de 7 por 100.000 habitantes.¹⁰ Enquanto isso implica teoricamente que o cidadão médio carioca tem mais chance de ser morto por um policial do que um novaiorquino tem de ser morto por qualquer pessoa, na prática – se os resultados de Cano se aplicam à prática policial atual – os moradores de favela sofrem a parte maior do uso de força letal pela polícia.

Mapeando a Posse de Armas na Favela

Em parte para manter o seu monopólio sobre a força, em parte para evitar confusões e conflitos entre moradores, as facções geralmente impõem medidas de controle de armas:

De qualquer forma, os traficantes sabem quem tem quem não tem [arma].

Morador de favela dominada pelo tráfico

O resultado não é a ausência completa de armas de fogo, mas uma situação em que existem poucos caminhos abertos para a posse de armas.

Não pô, na comunidade não é qualquer um que pode ter arma, não.

Ibid

Informantes consistentemente descreveram um número limitado de situações em que um morador não ligado ao tráfico podia comprar ou possuir uma arma:

1. Antigo e respeitado membro da comunidade
2. Segurança privado ou bombeiro

⁹ Dados populacionais de IBGE. A taxa em 2003 estava na faixa de 20 por 100.000 habitantes.

¹⁰ “As Murders Fall, New Tactics Are Tried Against Remainder”, *New York Times* (New York), Dezembro 31, 2004. Em números absolutos, a média anual de civis mortos por todos os policiais dos EUA é de 373 por ano, um terço da média do Estado do Rio nos últimos três anos. A taxa americana por 100.000 habitantes é de 0,2, ou um trigésimo da taxa do Estado do Rio. Fonte: *Policing and Homicide, 1976-98: Justifiable Homicide by Police, Police Officers Murdered by Felons*, US Department of Justice, Bureau of Justice Statistics, 2001, p1. Taxas por 100.000 são derivadas dos valores publicados, expressos em termos por 1.000.000 habitantes. Estatísticas americanas usam somente a população de 13 anos para cima; se essa metodologia fosse aplicada aos números do Rio, a taxa seria mais alta ainda.

3. Ladrão autônomo
4. Tem alguma relação pessoal com dono e obtém permissão
5. Obtém e possui arma em segredo

Cada uma dessas possibilidades é, de alguma forma, problemática. Os itens 1 e 2 não são abertos à maioria dos moradores, representando situações de vida muito específicas. Os caminhos 3 e 4 são mais abertos, mas trazem um estigma de associação com crime e/ou o tráfico. Qualquer pessoa poder seguir caminho 5, mas é particularmente arriscado: o castigo por obter uma arma e não informar à facção local pode ser severo.

Duas considerações diminuem ainda mais o valor potencial de uma arma nessas situações. Primeiro, existe a possibilidade da arma ser requisitada à força.

Eu mesmo já fui pegar [uma arma] várias vezes, de cara que é segurança mesmo da comunidade. [...] O cara tá invadindo a comunidade: "patrão mandou vir aqui pegar as peças".

Ex-traficante, 25 anos

Em segundo lugar, com a possível exceção do caso 3, o dono da arma não poderia portar a arma abertamente.

Mas se comprar [uma arma] ele não vai ficar se exibindo não. Ninguém nem vai saber. Vai ficar escondido.

Ex-traficante, 25 anos

Ao mesmo tempo em que impõem um controle sobre posse de armas, as facções proveêm uma certa segurança **dentro do escopo limitado em que uma arma pode oferecer proteção**. Isto é: furto, assalto e violência de rua – exatamente os tipos de crime que a classe média teme (e contra qual ela se arma para se proteger) – são raros.

Ordem na comunidade, a gente sente que tem ordem. Uma casa lotérica... lá fora teria que ter segurança, câmara, mas dentro, não. Ninguém vai mexer.

Ex-morador (1987-2001) de uma favela dominada pelo tráfico

Isso não significa que a favela seja segura:

Esse tipo de segurança, tipo ordem, é, tudo bem. Agora, segurança tipo integridade física, a gente não se sente segura com o tráfico. Ao contrário, sempre tem um risco de invasão, um risco de confronto com a polícia.

Ibid

Porém, no caso de invasão por uma facção rival ou pela polícia, é pouco provável que possuir uma arma faça um morador mais seguro; ao contrário, pode piorar a situação, dado que uma arma nesse contexto sugere um vínculo com o crime, e talvez com a facção dominante. Possuir uma arma na favela claramente traz riscos graves, pois parece razoável concluir que a demanda por armas de fogo na favela não é motivada por simples desejo de segurança.

Para entender a demanda por armas de fogo na favela, temos que considerar o que a arma representa para os moradores. No contexto de uma comunidade pobre, os traficantes têm uma renda espetacular:

E- Você acha que bandido tem cara diferente?

T- Tem.

E- Como? Explica isso pra mim.

T- Andando, de roupão, de tênis novo, de relógio, é, os cara fica de olho grande nos bandido.

Soldado, 16 anos

E impõem respeito aos moradores:

Ah, agora tudo mudou. Agora tá diferente. Agora não é como era, todo mundo fala na moral, muitos que já me bateu agora tem medo de mim, pensa que eu vô fazê alguma coisa.

Fiel do dono, 16 anos

Para muitos jovens, as armas que os traficantes portam abertamente são mais que um símbolo, são a manifestação física de poder e *status*.

Sabe como é que é? Um baile na comunidade, a criança quer entrar, já se acha no direito: Porra, não posso entrar porque eu não sou bandido, e aquele ali pode porque está de arma. A criança já cresce vendo aquilo tudo ali, é foda.

Gerente de soldados, 17 anos

De fato, uma arma pode ser uma manifestação de poder e *status* não somente material, mas também sexual:

Tem o cara mais feio do mundo, de repente ele tem uma arma e tem 10 mulheres querendo estar com ele. Nem precisa ser bonito. É pra dizer que não é otário, entendeu?

Moradora de uma favela dominada pelo tráfico¹¹

Enquanto a maioria dos traficantes são homens, as vantagens materiais e não-materiais de estar envolvido com o tráfico não escapa à consciência das mulheres:

Sai com o garoto porque ela quer uma vida boa, dinheiro fácil, vida fácil, roupa de marca, se sentir mais poderosa, tirar onda com a cara das outras. [...] E se ela sair com trabalhador, a vida dela não é assim. Ai gosta que o cara é bandido.

Ibid

Conclusões

Para muitos homens jovens na favela, a posse de armas é associada fortemente com uma escolha de vida importante e potencialmente irreversível; obter uma arma e virar traficante são, no final, uma única decisão. Nesse caso, a demanda por armas de fogo converge com a demanda por entrar no tráfico.

Assim, entrar no tráfico constitui o caminho primário para a posse de armas na favela; enquanto outras possibilidades existem, são mitigadas pelos fatores discutidos anteriormente, como ilustrado aqui:

Quanto à redução de demanda, parece lógico que se a preferência profunda operativa na favela é por *status*, riqueza material e/ou uma sensação de identidade, a melhor estratégia para reduzir a demanda é prover caminhos alternativos para obter esses ‘bens’.

¹¹ Grupo focal entrevistada por Galeria, J. et. al. em janeiro 2004.



Demanda por Armas de Fogo no Tráfico

Rever alguns aspetos estruturais do tráfico nas favelas do Rio ajudará a fundamentar a nossa análise.¹²

- **As armas são da boca**

Armas são compradas e possuídas coletivamente pela boca e emprestadas aos soldados enquanto em serviço (Dowdney, 2001).

E- E essa arma aqui é sua ou também é da boca?

A- Essa aqui é da boca.

¹² Por mais detalhes, ver: Misse, M., “As ligações perigosas: mercado informal ilegal, narcotráfico e violência criminal no Rio”, in Machado da Silva, L.A. (org.) *Qualificação e Informalidade*, tema *Contemporaneidade e Educação*, Rio de Janeiro: Vol. II, n. 1, 1997.

E- Então ninguém precisa comprar arma, é da boca mesmo?

A- É da boca. Mas o porte é nosso.

A-Soldado e ex-gerente, 18 anos

Um traficante individual comprar uma arma própria é descrito como raro, em parte porque pode ser requisitada pela boca:

Se [um traficante] tiver a condição de chegar e comprar... mas vai ser, tipo né, dele, porque ele comprou com o dinheiro dele, mas no mesmo momento que é dele tá pertencendo ao tráfico, à boca. Porque se precisar, se ele não estiver na rua no momento, tiver outro traficante precisando meter a mão na arma, vai pegar e vai usar.

Ex-traficante, 25 anos

- **Munição é suprida e controlada pela boca**

É evidente que munição também é suprida aos membros da facção enquanto estão no serviço. Também se sabe que soldados podem ser castigados por mal uso de armas, particularmente se desencadear conflitos na comunidade ou chamar a atenção da polícia.

O que não está claro é o grau de controle que gerentes e donos exercem sobre o uso de munição por seus soldados. Quando um soldado devolve sua arma no fim do turno, também devolve toda sua munição? Ela é conferida? O soldado tem que prestar contas da munição gasta? É preciso mais pesquisas de campo para responder a essas perguntas.

Relacionada a essas questões é a afirmação comum de que muitas facções tem operações de recarregamento de munição dentro das favelas. Algumas máquinas de recarregamento têm sido apreendidas pela polícia, e até entregues nos postos de recolhimento de armas do Viva Rio; evidência anedótica sugere que algumas facções possuem equipamento maior.

- **As facções enfrentam sempre o risco de invasão por facções rivais e de incursões da polícia¹³**

Em geral, donos da mesma facção cooperam e não invadem o território do outro. Exceções normalmente são resultado de rivalidades pessoais, vinganças, brigas de sucessão ou outras circunstâncias específicas.

¹³ Usamos a palavra 'incursão' no caso da polícia para indicar que ela geralmente entra na favela sem a intenção de ocupar e tomar conta da comunidade por um tempo prolongado, como é geralmente o caso de invasões por facções rivais.

Donos poderosos, muitas vezes com a ajuda de parceiros faccionais, podem invadir as favelas da facção rival, assumindo o controle de pontos fortes estratégicos e pontos de venda lucrativos.

O risco de invasão é complicado pela presença da polícia, que às vezes protege uma favela de invasão, e outras vezes pode permitir ou até facilitar uma invasão.

- **Instabilidade do sistema das facções**

O tráfico e suas facções são freqüentemente retratados pela mídia como altamente organizados. O tráfico é hierarquizado dentro de cada favela, do nível do dono para baixo. No nível macro, as facções do Rio são de fato associações informais de donos individuais, sem uma cadeia de comando univocal. Em vez disso, existe uma teia de influências que é baseada na história pessoal e no caráter de cada dono e em seus laços de lealdade.

No final, essas questões particulares podem ter mais peso que a lealdade faccional. Os donos podem atacar membros da mesma facção, criar rachas que dão origem a novas facções, ou até mudar de lado para uma facção opositora. O resultado final é ainda mais incerteza e instabilidade.

Racionalidade e o Tráfico

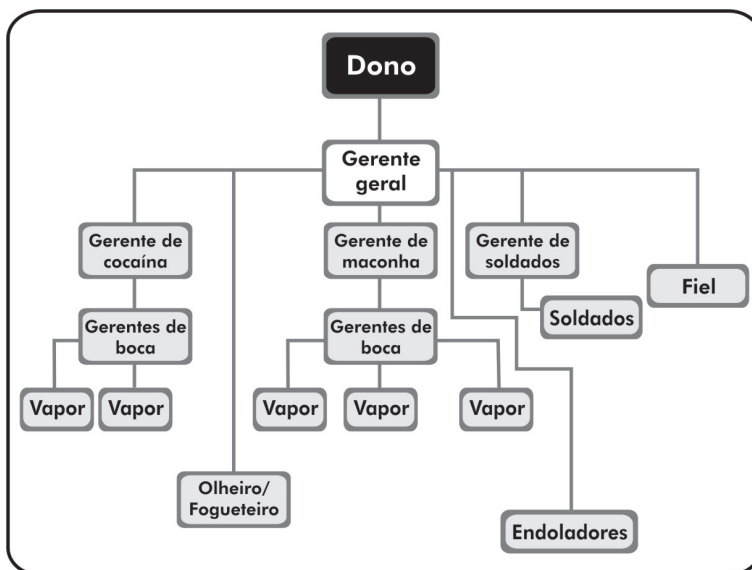
O modelo de demanda depende de uma suposição de racionalidade entre atores; isto é, as pessoas responderão a mudanças em condições de uma forma compreensível em termos de objetivos. É razoável perguntar se essa suposição é válida para algo tão caótico e violento como o tráfico de drogas na favela. Argumentamos aqui que é válido, sim, levando sempre em conta certas considerações.

Primeiro, comportamento faccional em qualquer favela é determinado em grande parte pelo estilo, objetivos e valores pessoais do dono atual. Como em qualquer tirania, o comportamento depende do temperamento do tirano. Quando um dono morre ou é preso e outro ascende, o comportamento faccional pode mudar dramaticamente.

Segundo, corridas armamentistas, como a *game theory* tem mostrado, são interações que seguem estratégias racionais, mas que podem ter desfechos irracionais.¹⁴

¹⁴ O jogo *Dollar Auction* ('leilão do dólar') é freqüentemente citado como modelo preciso do comportamento de atores engajados numa corrida armamentista. O jogo é peculiar, pois os jogadores quase sempre se encontram numa posição consideravelmente pior depois de terem jogado, embora todas as etapas do jogo sejam voluntárias. Veja: Shubik, M. (1971). "The

Finalmente, não devemos confundir ‘auto-interesse racional’ com ‘motivo de lucro’. Por ter uma estrutura hierárquica discernível, é tentador tratar as facções como entidades corporativas maximizadoras de lucro. Nessa leitura, as armas de fogo seriam um insumo ou bem capital. A existência de um gerente de soldados sugere o uso planejado desse insumo.



Fonte: Dowdney (2001)

“O ‘gerente dos soldados’ é quem contrata e paga os ‘soldados’, isto é, o pessoal que mantém a ordem interna, que protege o serviço dos gerentes e vapores, que defende a área quando necessário e que é mobilizado para invadir novas áreas.”

Misse (1997)

Mas a facção exerce sua função comercial num contexto de incerteza extrema. Enfrenta duas ameaças graves: invasão por uma facção rival e incursão da polícia. Para os traficantes, invasão por rival, se for bem-sucedida, pode significar morte ou expulsão, enquanto incursão da polícia pode trazer prisão, extorsão, seqüestro, tortura, e/ou morte. Ao mesmo tempo, uma facção precisa manter controle sobre a comunidade em que se situa. Isso requer demonstrações de força tanto como

dollar auction game: A paradox in noncooperative behavior and escalation”, *Journal of Conflict Resolution*, 15, pp. 109-111.

beneficentes. Relações boas com a comunidade são chaves para minimizar o risco de incursão policial, e também ajuda a deter a invasão de facções rivais.

Nesse contexto, maximizar lucro, embora importante, é somente um objetivo dentro duma estratégia mais ampla para autopreservação e crescimento. Apesar das estratégias realmente seguidas aderirem às realidades de cada comunidade, alguns objetivos geralmente aplicáveis podem ser identificados:

Acúmulo de Força

Soldados e armas são a medida da força de uma facção. Dentro da comunidade, conferem *status* e autoridade. No caso de invasão, oferecem defesa. Quando acumulados em quantias suficientes, permitem a invasão de territórios alheios.

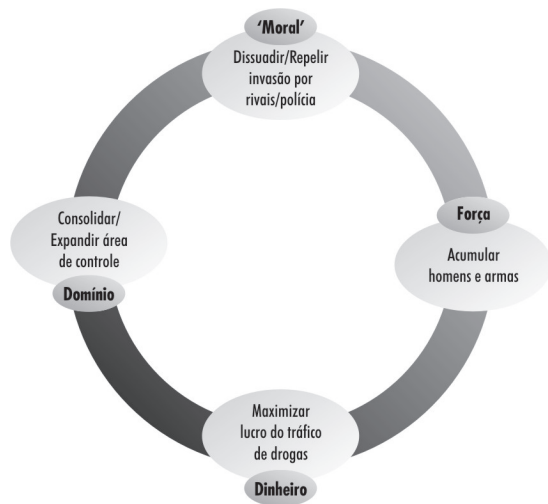
Intimidação

Não basta ter armas; o inimigo tem que saber que você as tem. A exibição ostensiva de poder de fogo, inclusive o aparente desperdício de munição nos bailes e nas longas e as vezes ineficazes trocas de tiro entre morros (frequentemente utilizando balas traçantes), são uma maneira de divulgar informação sobre o armamento que uma facção tem, angariando-lhe ‘moral’ tanto de dentro como de fora da comunidade.

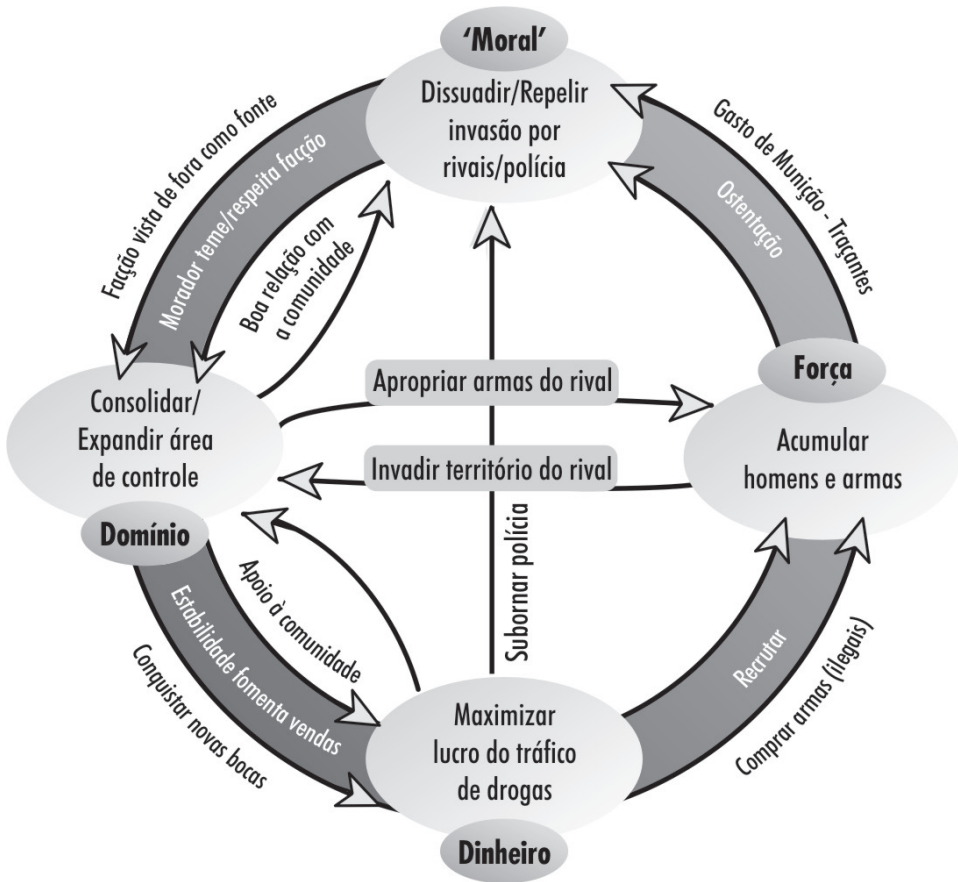
Domínio

A força que uma facção tem também depende do controle que exerce sobre sua própria comunidade e de seu potencial de expandir e conquistar novo território.

Esses objetivos, junto com o motivo de lucro, são interrelacionados e, de certa forma, sobrepostos. Podemos visualizar a situação assim, um grupo de elementos de estratégia vinculados, com suas ‘mercadorias’ resultantes.



O acúmulo dessas mercadorias permite que a facção realize ações que reforcem os outros elementos estratégicos:



Ações podem ser direcionadas para dentro, voltadas para a comunidade, ou para fora, voltadas para ameaças externas (facções rivais e a polícia).

O esquema apresentado aqui não é um modelo profético completo, senão um *template*. De novo, características pessoais dos donos – e as suas relações com outros donos – são chaves para determinar o comportamento de uma facção. Contudo, parece provável que elementos da teoria de conflito e equilíbrio em *stateless societies* possam ser aplicados proveitosamente na questão de comportamento faccional.

Motivadores de Demanda: Preferências

Na escala macro, vemos uma mudança clara de demanda faccional para armas automáticas nos meados dos anos 1990. Embora isso também possa ser expresso como uma mudança de gosto, a preferência motivadora profunda é provavelmente um desejo por paridade ou superioridade de armamento comparado com a polícia e outros invasores potenciais. Aliás, vale lembrar que essa paridade pode ser igualmente ou mais desejável por motivos de ostentação de poder e dissuasão do que eficácia real no campo de batalha.¹⁵

T: Antes era um pouco mais leve, agora está bem mais complexa... bem mais pesada. Agora tem uns tubarão maior, antigamente só tinha aqueles peixinhos. Tinha 22, tinha 38, os 22 foram substituídos pelos AK 47, pelas baby, pela metraca.

E: Por que você acha que isso aconteceu? A mudança de armas?

T: Por que? Todo mundo pensa que é porque... os polícia tava tendo muita facilidade, antigamente só eles é que tinham fuzil, os mano usavam fuzil na mão e nós só aquelas 38. O bagulho mudou mano, agora o mesmo vento que venta lá, venta cá, o bagulho é mais sério ainda, talvez possa ser que a gente aqui na favela tenha arma que eles nem imagina.

Gerente de soldados, 17 anos

Como todas as corridas armamentistas, é a força *relativa*, e não a absoluta, que conta, criando uma hélice de escalada teoricamente sem fim. Deslocar a demanda para longe das armas automáticas requer a remoção da ameaça de invasão por um grupo que tenha esse tipo de armas, bem como o erguimento de barreiras à possibilidade de invadir o território inimigo dominado por grupos que não tenham esse tipo de arma.

Motivadores de Demanda: Preços Relativos

Facções têm que comprar armas no mercado ilícito, onde a oferta é errática e a variação de preço é grande:

¹⁵ Devido às características físicas das favelas, é possível que uma arma leve e mais ágil usada por um traficante em fuga ofereça uma vantagem tática sobre um fuzil de assalto pesado.

Preços Relatados de Armas no Mercado Ilícito no Rio de Janeiro, USD

	Preço Mediano por Tipo	Preço Máx.	Preço Min.
Revólver	137	238	63
Pistola	569	982	155
Fuzil de Assalto	3057	4286	1709
Metralhadora e Submetralhadora	1911	4643	1071

Fonte: Rivero, Patricia, "The Value of Criminal Firearms market in the City of Rio de Janeiro", in *The SALW Factor*, Fernandes, R. coord., Iser / Viva Rio, Publish Date: March 2005.

Levando em conta a discussão de preferências acima, é interessante notar que cada arma automática comprada tem um custo de oportunidade de 4 a 30 armas curtas.

Como todas as compras ilícitas, aplicam custos altos não-monetários associados à ilegalidade, inclusive (1) uma associação necessária com elementos criminais, (2) o risco de ser preso, e (3) a possibilidade de ser roubado ou chantageado, sem mecanismo de mediação legal disponível.

Contudo, o traficante já é um criminoso, aos olhos tanto da comunidade como da polícia, e o preço marginal de (1) e (2), então, é mínimo. O efeito de (3) é real, mas depende de cada circunstância. Em alguns casos, quando os fornecedores são policiais corruptos, pode até ter efeitos colaterais benéficos, criando influência em negociações sobre "mercadorias políticas" (Misse, 1997) como permissão de vender drogas, pressão sobre facções rivais, ou a liberação de colegas presos.

A demanda faccional parece ser muito elástica. Talvez a única maneira de reduzir a demanda seja elevar os custos não-monetários, isto é, aumentar a chance de ser preso. O envolvimento da polícia em fornecer armas ilícitas complica esse problema.

Motivadores de Demanda: Recursos

Uma estratégia comum no Brasil para reduzir a demanda faccional por armas de fogo é de privar as facções ao reprimir o uso de drogas, reduzindo, assim, os lucros provenientes do tráfico. Essa estratégia pressupõe dois mecanismos importantes:

1. Repressão ao uso de drogas pela polícia reduz efetivamente a demanda por drogas.
2. Redução de renda faccional implica necessariamente uma redução na aquisição de armas.

Ambos esses mecanismos podem ser bem mais fracos de que os oficiais gostariam de admitir. No caso de 2, os donos parecem dispostos a abrir mão de muitos outros bens e serviços antes de reduzir os gastos com armas. Inclusive, podem forçar seus empregados a aceitar cortes ou demoras no pagamento:

M: E às vezes acontece de atrasar o pagamento deles pra juntar dinheiro e comprar mais armas.

E: É mesmo? E as pessoas que estão trabalhando no tráfico aceitam isso?

M: Não é o caso de aceitar não... é isso mesmo.

[...]

T: Rola o seguinte, que nem ele colocou agora que o cara vai chegar e vai dar o papo com o gerente, com o soldado dele: “olha, vou atrasar o pagamento de vocês agora porque vou comprar as peças pra gente se fortalecer”.

T: Ex-traficante, 25 anos, M: Morador de favela dominada pelo tráfico

Isso sugere que mudanças em recursos faccionais, pelo menos no curto prazo, não terão um forte impacto sobre a demanda.

Conclusões

A demanda por armas de fogo de uma facção varia em função da relação que aquela facção tem com sua comunidade e com suas ameaças externas imediatas. Mas, hoje em dia, as facções têm armamentos muito mais do que suficientes para dominar uma comunidade de trabalhadores; e a demanda é alimentada por uma preferência profunda por paridade/superioridade com outras facções e uma força policial cada vez mais bem armada. Inelasticidade alta e insensibilidade ao efeito renda implicam que o método mais indicado de reduzir a demanda seria mitigar a ameaça percebida de invasão e incursão.

Pesquisas futuras devem procurar entender as causas fundamentais dos períodos de instabilidade em relações faccionais, em particular as condições que incentivam invasões e o papel da ação policial em (des)estabilizar o equilíbrio de poder entre facções. Conceitos da teoria de conflito e equilíbrio em *stateless societies* podem ajudar a explicar e até prever o comportamento faccional.

BENJAMIN LESSING

Pesquisador, Centro Internacional de Segurança Humana
Viva Rio / Iser